

**Anistiado político: PINHEIRO SALLES**

**Data de nascimento: 29/06/1937**

## **O PROCESSO DE TORTURA**

Tortura, nós sabemos é uma coisa desumana; não dá para gente colocar parâmetros. É uma coisa tão fantástica, tão brutal, absurda que não se pode prever comportamentos de pessoas não. Acho que quem falou na tortura não pode ser criticado não. Porque teve um determinado nível de resistência. Mas existem outras situações, outros comportamentos diferentes e não nos cabe fazer análise psicológica da pessoa, análise política porque aquilo foge de tudo. Mas de uma maneira geral alguém abriu, falou, apontou, deu o endereço da casa, abriu o chamado ponto na rua, indicou outra pessoa que pudesse dar informação. Inventou lugar. “Eu não tenho informação, mas aquela pessoa tem.” Então, essas coisas vão sendo construídas assim nos porões da ditadura e o que fica é uma coisa muito complexa. Então, se sequestra a pessoa e ela já sai dali no clima de terror. Os torturadores sentados, chutando, dando bofetadas. Quando chega mais ao menos nas imediações do local onde funciona a máquina da tortura, os torturadores fazem uma roda, coloca a vítima no centro e vão fazer o esquentamento. O esquentamento, eles dizem que é essencial para preceder a tortura. Porque com o esquentamento a pessoa já percebe o nível de violência que ela vai enfrentar.

Houve esquentamentos como o do Ivan Seixas, que era menor nessa ocasião, com o pai dele; os dois algemados, e no esquentamento as algemas partiram, quebraram. Aí terminaram levando o Ivan para uma sala de tortura e o pai dele para outra e depois levaram o Ivan para a sala onde o pai estava sendo torturado. Chegou lá o pai estava pendurado num pau de arara e ele assistiu a morte do pai. O Ivan tinha 17 anos nessa ocasião. Aí a brutalidade da tortura.

A pessoa depois do esquentamento é arrastada, e nela é colocada um capuz. Em mim não colocaram o capuz inicialmente. Colocaram uma tira em meus olhos e amarraram apertado para trás. E durante esse período que você fica sem ver, você ouve o grito de terror de pessoas sendo espancadas, torturadas. É a coisa mais dolorosa para um torturado escutar. Então, ele entra naquilo ali – é como a gente fala na questão do inferno descrito por Dante - ali naquele local é como entrar no cemitério. E agora a pessoa tem que esquecer tudo. É um mundo que a gente não imagina. Aquela questão de descrever a tortura, dos manuais falarem como tem que agir, nada daquilo funciona porque é tudo diferente. Depois desse clima, eles te arrastam para a sala de tortura e arrancam a sua roupa porque ninguém aceita tirar. E uma das primeiras iniciativas nesse momento é amarrar os pulsos das pessoas para o pau-de-arara. A pessoa depois de ter os pulsos amarrados com a corda, abre os braços um pouco, dobra os joelhos e os joelhos ficam envolvidos pelos braços amarrados. A partir daí coloca-se ela na barra de ferro em cima das dobras dos cotovelos e em baixo dos joelhos dobrados, levanta-se a barra e você fica pendurado com a cabeça para baixo vendo as coisas de uma maneira diferente. Apoiar-se aquela barra em cima de dois cavaletes encaixada de forma que não tenha perigo da pessoa cair. Aí começam as sessões de choques e as torturas complementares, que é uma variedade imensa. Coisas que às vezes a gente pensa que não significa nada, mas que na verdade, na realidade é extremamente dolorido. Mas o choque e o pau-de-arara são torturas permanentes que oferecem a base para as outras.

Em São Paulo muitas pessoas – falando até do Bacuri, o Eduardo Leite - interessante que era militar. O Lamarca também era militar. Mas o Bacuri, apelido do capitão Eduardo Leite, ele preso numa cela no fundão do DEOPS de São Paulo, sendo torturado todo o tempo. Ele era torturado no Rio de Janeiro e em São Paulo, no DOI-CODI e no DOPS. No DOI-CODI o coordenador era Carlos Alberto Brilhante Ustra. E o coordenador da tortura no DEOPS era o Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Chegaram para o Bacuri na cela e mostraram um jornal, o Jornal da Tarde, com umas fotografias dele dizendo que ele estava preso. Ele falou “é claro, eu estou preso.” Daí a dois dias foram lá com outro jornal mostraram para ele e falaram “Bacuri, você fugiu”. Lê aí para ver como foi. Foi levado para um encontro com um companheiro, chegando lá conseguiu fugir. Daí a dois dias outro jornal com nota oficial do Exército dizendo que o Bacuri havia sido morto. Foi localizado numa Kombi na baixada santista, resistiu à ordem de prisão, sacou de uma arma, diversas pessoas foram atingidas, terminou sendo dominado, recebeu um tiro e morreu. A partir da morte dele tudo se agravou muito mais com as torturas. Tanto que furaram os dois olhos dele. Ele tinha os olhos verdes e comentavam que havia um terrorista com os olhos muito bonitos. Então, quando decidiram assassiná-lo, falaram que ninguém mais veria seus belos olhos. Quebraram os braços e as pernas dele, puseram-no no caixão, mesmo dizendo que ele havia morrido há dias atrás, o IML havia segurado o corpo por uns dias antes de ser entregue à família, mas não deixaram abrir o caixão. A mulher dele havia tido criança. Ele havia recebido na cela um sapatinho da filha, sua primeira filha, para ver que a filha existia. Então, são histórias que as pessoas não podem nem imaginar. Tudo que as pessoas pensam que é o cúmulo do absurdo, que não acontece, que é inviável, foi muito pior. É importante que a gente não exagere em nada porque a realidade já é cruel demais. Se alguém exagerar ela perde o significado. E às vezes eu sei de companheiros, e isso acontece comigo, a gente peca por não levar até a realidade, por escrever num nível bem inferior àquele que acontece conosco. E isso que acontece.

O Devanir Carvalho, de São Paulo, foi dirigente do PRT, Partido Revolucionário dos Trabalhadores. Esse companheiro que era conhecido como Henrique não disse nada na tortura. Houve muitos comportamentos bons. Ele na tortura ficou quebrado, arrasado, mas não falou. Dizia “sou comunista, sou do partido tal e pra vocês não vou dizer quem atuou comigo, não vou dizer o nome de nenhum companheiro, não vou dizer nada”. Ele foi torturado... Não queriam matá-lo no começo porque tinham que tirar dele contatos importantes. E ele foi a pessoa, pelo menos que eu saiba, a única que disse que não falava e que não falou. Que pudesse matá-lo, que estava preparado para enfrentar a morte. A gente sabe que a morte não é muito difícil de enfrentar não, difícil é a tortura. Os próprios militares é que depois falaram como foi o comportamento dele. Eles contaram que antes dele ser morto ele cuspiu muito sangue na cara do Fleury. Ele ia torturá-lo, se aproximava dele e ele cuspiu sangue. Uma infinidade de casos, mas tem uns que a gente precisa dizer. Na Bahia houve um companheiro também que teve um comportamento assim. Mas mandaram buscar o Fleury em São Paulo porque tinham urgência em tirar as informações desse companheiro. Fleury, com aquela calma dele, olhando o cara pendurado no pau-de-arara mandou tirá-lo de lá. Os torturadores, que não tinham conseguindo nenhuma informação, o desamarraram, o tiraram do pau-de-arara, sentaram ele numa cadeira. Fleury pediu que fosse providenciado um alicate para ele. Levaram o alicate e ele falou: “agora é você quem sabe, se quiser falar, tudo bem; se não quiser eu vou arrancar seu primeiro dente.” Prendeu o dente, mexeu para um lado e para outro e puxou. Falou “tudo bem aí? Você é forte”. Afastou-se daquele local, pegou outro dente, o terceiro, o quarto, aí quando chegou ao quinto dente ele falou. Então, houve gente assim: o Eduardo Leite, o Devanir Carvalho e muitos outros. Mas teve alguns que não

queriam, mas que a violência fez com que chegassem a dar informações que facilitaram chegar a algumas pessoas.

Eu vou citar o meu caso porque com outros pode ter acontecido de uma forma diferente. Eles prendem cada fio que sai da maquininha, que no Sul se chamava Maricota, a Maricota tem uma manivela; o fio positivo e negativo tem os elétrodos, como um prendedor de roupa para colocar roupa no varal, aquilo é colocado nos dois ouvidos e roda-se a Maricota. E a pessoa sobe, desce e se não for bem apoiada, arreventa aquilo tudo. Mas como é bem apoiada ela fica vendo raios, coisas.

A tortura do choque também é terrível. Comigo eles pegaram uma bucha de Bombril, enfiaram no meu ânus com um eletrodo preso no Bombril e o outro no pênis. Rodaram a Maricota por algum tempo e eu dormi. Dormi com aquela coisa, gritando, a cabeça virada para baixo. Cada minuto no pau-de-arara é uma eternidade. Então, com esse tipo de choque eu não vi mais nada. Ouvi as palavras de baixo calão dos torturadores. O linguajar dos torturados é uma coisa que fere todos os princípios da educação, de relacionamentos humanos das pessoas. Então, dessa vez eu desmaiei, não sei o que aconteceu. Quando acordei já era dia. Estava com as costas no chão, sem roupa e um torturador, porque outra pessoa não vai ali, levantando meus braços, baixando de volta e fazendo a mesma coisa com as pernas, fazia massagens nas pernas. Um me levantou debaixo do braço e me mandou pedalar como se estivesse de bicicleta. Essa foi a primeira sessão de torturas e ela continuou durante aproximadamente dois anos. Claro que não é uma tortura permanente durante dois anos. Ninguém suportaria uma tortura durante uma semana naquele nível. Durante os dois primeiros anos normalmente eu não usava roupa; era pelado o tempo todo e não caminhava também. As pessoas me levavam puxando pelas pernas ou pelos braços, não tinham muito cuidado na hora de levar. Não tinham muito jeito de pegar não. Um torturador pegava pelas pernas outro pelos braços me arrastavam e jogavam por lá. Desse jeito eu fiquei uns dois anos, sendo arrastado pelas pernas, pelos braços. Eu tenho ali um livro de um professor universitário do Rio Grande do Sul, Índio Vargas, que fala de mim. Ele me viu e fala de mim no livro dele.

Havia um médico que dava alguma assistência, um comprimido, aplicava alguma medicação, reanimava a pessoa para não morrer e continuar sendo torturada porque queriam tirar o maior número de informações possíveis. Então, depois de um médico conseguir restabelecer a pessoa, vira para os torturadores e fala: “pode recomeçar, mas não pode demorar muito não”. Isso aconteceu com muita gente. Durante dois anos eu fiquei nessa fase. Isso tanto em São Paulo quanto no Rio Grande do Sul.

Eu tive atuação política em São Paulo e eles queriam que eu revelasse tudo, todas as pessoas que eu conheci durante o tempo que estive lá. E no Rio Grande do Sul, a mesma coisa. Houve uma coisa interessante: eu só fui torturado em São Paulo mais ou menos um ano e meio depois porque o pessoal do Rio Grande do Sul não sabia da minha atuação lá. Dois dias, um dia antes da minha prisão saiu a manchete no jornal Folha da Manhã. Nesse jornal tinha um retrato falado meu e a entrevista coletiva concedida pelo secretário de Segurança Pública. A manchete: “Já se sabe que o comandante do terrorismo no Rio Grande do Sul é nortista”. E no Rio Grande do Sul nortista é toda a pessoa que não é de lá, eles misturam tudo: baiano, mineiro, paulista, se não é gaúcho é nortista. Aliás, as pessoas de Santa Catarina também não são consideradas nortistas não. Ainda durante essa fase que pode demorar um período longo ou até um tempo menor, você faz também o chamado cartório, que é o inquérito policial. Nesse chamado interrogatório existe um delegado para sistematizar todos os seus dados. O

objetivo seria dar legalidade ao processo. Aquilo funciona como a denúncia. A denúncia no sentido jurídico. Com a denúncia o caso vai para a auditoria. O juiz, que nem sempre é togado, examina a denúncia e se dá início ao processo. Durante essa fase eles continuam torturando. Muitas vezes o juiz diz: “tira esse cara, volta com ele pra lá. Vocês vão trazê-lo aqui, quando estiver pronto”.

O delegado do inquérito, cada um diante deles tem uma reação. Eu percebi a necessidade que eles tinham de você não ficar calado. Aí eu falava demais. Eu descrevia a fazenda do meu pai; o professor particular que me deu aula pela primeira vez; a mulher pelada que vi escondido atrás da moita, tomando banho na cachoeira. Escrevi volumes e mais volumes, escrevendo à mão. Quando entregava para o cara ele lia e dizia “você não falou nada”. Então cada um usava uma forma de poder burlar a sanha dos caras. Agora depois dessa questão resolvida, mesmo antes de você ir a julgamento entre aspa, porque os integrantes do Conselho de Sentença são militares - às vezes da Marinha, às vezes do Exército, da Aeronáutica. Eu me lembro de um em São Paulo que os membros do Conselho eram todos da Aeronáutica, fardados, com aquela farda bonita, impassíveis. Eles vão fazendo as perguntas baseados nos dados levantados pelo delegado do DOPS encarregado de apresentar a denúncia. Muitos casos terminam com condenação da pessoa naquele tempo que ela já ficou presa, três, quatro, cinco anos para não ficar uma pena exagerada. Eles condenam aquele tempo que a pessoa já cumpriu. Aí na questão dos que não são órgãos de repressão, você é levado pelo Exército, pelo DOPS para outro lugar onde você passa uns seis meses. Por exemplo, lá em Alegrete, na fronteira com a Argentina, fiquei lá de 7 a 8 meses com nove companheiros numa cela. Uma cela até grande tinham dez camas. Tinha um armário onde você colocava o pijama; a roupa era só aquela que você entrou lá. A gente não podia deitar antes das dez horas da noite. Levávamos às 5 horas com o toque da alvorada – muito bonito. Era um quartel, o VI Regimento da Cavalaria Regis de Abreu. Então, às cinco horas a gente tinha que levantar com o toque da alvorada. Eles traziam o café, colocavam no chão e cada um arrastava a sua bandeja. O café era sempre o famoso chá brochante, e ninguém podia falar conosco: os militares, soldadinhos, tenentes, sargentos. A porta era de grade. Lá no alto da coxilha o minuano cantando, e a noite você com um cobertorzinho ralo só faltava morrer de frio. Nesse local nós ficamos sete meses; e uma vez por semana eles levavam todos para outra cela. Na outra cela eles tiravam nossas roupas na porta antes de entrar e ficávamos o dia todo naquele local, por mais que fizesse frio. Às vezes fazia frio abaixo de zero grau. Ficávamos o dia todo dessa forma. Eles diziam que iam fazer revista na cela. Lá não tínhamos contato com o mundo, não tínhamos direito a livro, a rádio. A visita era numa cela chamada de cela forte. Você trancado na celinha, que não tem ventilação, só guichê, que é fechado. Abria a portinha do guichê e a visita ficava de fora e conversava com o parente. Só que ao invés dos filhos da mãe usarem um gravador, ficavam com uma caneta e uma prancheta na mão com algumas folhas e interrompiam sua conversa: “Pera!” Iara está grávida. Repetia a frase. A outra pessoa perguntava, e quando Iara vai ter criança? Pedia um momento e perguntava: “e quando é que Iara vai ter criança?” Era dessa forma. Depois de algum tempo eles permitiram a correspondência. Eles levavam duas folhas de papel, um lápis e definia o tempo para buscar a carta. Você escrevia a carta com carbono para não ter que tirar fotocópia e colocava ao lado o endereço do destinatário para eles prepararem o envelope. A maioria das vezes a carta nunca chegava inteira. A pessoa fazia uma carta normalmente maior e eles cortavam a carta quase toda. Tinha um companheiro, Luiz Carlos Dameto, que uma irmã dele, médica, escrevia para ele e um dia chegou uma carta que virou piada. Só chegou lá: querido Dinho e lá no final, sua irmã Sueli Dameto. Só isso que veio no envelope.

Quanto ao relacionamento entre nós presos, é um relacionamento tão bom, mesmo que surjam dificuldades naturais. A gente briga até com a mulher; mulher briga com a gente que dorme debaixo do mesmo lençol, agora se imagine com outras pessoas. Para dar um exemplo, ainda falando de Alegrete, imagine dez homens numa cela dia e noite durante oito meses. Um determinado escritor russo fala que o grande problema da comunicação entre presos é porque estar com outros é pior do que estar sozinho. O preso sozinho ele pensa, ele recorda, se lembra; e com o outro isso não é possível. Nem tem como desfrutar de um segundo de privacidade para tomar banho ou sentar no vaso para satisfazer suas necessidades físicas... Tem a porta, mas os outros estão olhando. Você não fica sozinho. Tinha um companheiro muito novo que dizia “olha vou me masturbar, se não quiserem ver, vira pra lá”. Era novo, tinha seus 19 anos. Mas o que eu ia falando para confirmar o relacionamento entre a gente. Quando as cartas chegavam, o preso que as pegavam ia ler primeiro; só que ia ler alto para todos ouvirem. Aí cada um se acomodava no chão entre uma e outra cama, porque não podia sentar na cama durante o dia. Então, a pessoa que pegou lia alto fazendo brincadeiras. Quando terminava entregava para o destinatário da carta, que só aí ia ler com atenção. Esse processo se repetia para cada carta. Isso eram coisas definidas por nós porque não tínhamos segredos. Qualquer problema que tivesse era de interesse coletivo.

O banho de sol eram duas pessoas algemadas: metiam-se os braços dentro dos braços do outro e se colocava a algema. Se fosse de lado, podia caminhar normalmente. Aí nos colocavam numa cerca de arame farpado e ficavam lá diversos soldadinhos recrutas, com um fuzil apontando para você o tempo todo. Uns dez ou 20 em volta desse chiqueiro. Era difícil os comandantes nos ouvirem, mas havia ocasião em que eles iam fazer algum comunicado e a gente levantava o braço e falava. Um dia nós falamos que estávamos com medo de sermos mortos a qualquer hora pelo pessoal que ficava lá durante o banho de sol. A gente via que eram soldados recrutas e que não tinham experiência, com isso e uma hora dessas o fuzil pode disparar. Nós falamos isso num dia e no dia seguinte aconteceu. Nós estávamos indo para o banho de sol e o soldadinho que ia nos acompanhando atirou acidentalmente e abriu um rombo na parede com a bala do fuzil.

Nós não ficamos só em quartel militar, muitos companheiros ficaram durante muito tempo em quartel militar, mas a gente ficou em muitos outros lugares. Numa ilha no Rio Grande do Sul, chamada ilha do Guaíba. De lá nós víamos longe os prédios brancos de Porto Alegre. Ficávamos olhando muito tempo. Também no Presídio Central de Porto Alegre. Tem outra fase que fiquei na Penitenciária Estadual de Jacuí, na grande Porto Alegre. No Presídio Central terminamos sendo muito respeitados. Ficávamos lá, mas eles nos levavam nos lugares, depois normalmente nos traziam. A primeira vez que nos levaram para lá (passado o julgamento eles não nos levaram para o DOPS, nos encaminharam direto para o presídio - de acordo com a Lei de Segurança Nacional a gente tem um tratamento diferente, não é como o bandido, o marginal. Não existe o chamado rigor penitenciário) fomos recebidos pelo diretor de disciplina, Alípio Freitas, que me mandou tirar a roupa de me deu outra para vestir. Uma calça de mescla, uma camiseta escrito Presídio Central de Porto Alegre e uma japona de lona amarela porque fazia muito frio. Eu disse que não vestiria porque eu não era preso comum, era preso político e de acordo com as leis eu deveria ser tratado daquela maneira. Ele disse, é mesmo? Então, você veste agora. Chamou os guardas tiraram minha roupa, me puseram a outra e disse: “você vai para uma celinha boa, por isso aqui.. Você é rebelde, pois aqui você vai amansar”. Me puseram numa celinha escura, sem nenhum móvel. Não tinha cadeira, nem mesa, nem cama, nada. Escura mesmo. Quando você é colocado lá dentro não enxerga nada. Depois de algum tempo vai se adaptando. Na primeira noite um mau cheiro terrível. O vaso

não tinha descarga, era daqueles que fica no chão e você fica de cócoras. Eu deitei no chão e dormi. Quando acordei foi com alguma coisa mexendo nos meus pés. Eu afastei, me sentei apoiando as costas na parede. Estava cheio de ratos. Até que eu não sou muito medroso não, mas me deu uma coisa, náusea, medo sei lá; eu não soube nem me proteger, chutar, sei lá, fazer alguma coisa... Eu fiquei encolhido, impotente, me diminuí de tamanho, de tudo, deixei de ser gente para ter uma reação. Sei lá, fiquei lá muito tempo. Até que o pessoal de Porto Alegre descobriu, arrumou um advogado e me tirou desse local, mas passei uma semana assim. E cada lugar que a gente ficava era pior do que outro.

O presídio Tiradentes. Saí da cadeia em 1979, fui preso em 1970. Numa dessas transferências, em 1974, saiu na televisão o Marco Antônio Tavares Coelho, ex-deputado federal, jornalista profissional, advogado. Houve uma denúncia dos maus tratos que ele estaria sofrendo no DOI-CODI. Aí o Armando Falcão, que era o secretário de Justiça e sempre dizia “nada a declarar”, desta vez deu uma declaração. Porque na carta da mulher dele ao presidente da República, que não era nada disso, era um torturador de plantão, o César Borges, que ficava com o presidente, conhecia a mulher do Marco Antônio. A carta foi entregue para ele. Ela dizia: se quiserem matá-lo não tem problema, matem o Marco Antônio; condenem ele, coloquem num lugar e deem um tiro nele porque ele é homem para ser respeitado. Então, podem matá-lo, mas, por favor, não continuem fazendo com ele o que vocês estão fazendo. Por que aí é a completa degradação do ser humano. Ele não vai ser fuzilado. Ele vai morrer da maneira mais torpe, mais vil, morrer na tortura; e com ele não pode acontecer isso. Não sei o que estava acontecendo, mas sei que isso acabou saindo no jornal. Aí o ministro da Justiça, o Armando Falcão acabou indo à televisão, numa daquelas entradas especiais, falar que o Marco Antônio estava sendo bem tratado e como preso político... Essa foi a primeira vez no Brasil, na ditadura militar que se chamou preso político de preso político – foi nessa fala oficial do Armando Falcão. Isso foi uma alegria para nós porque até aquele momento éramos tratados como terroristas. Aí o mostraram trabalhando. E o ministro falou que iria construir um presídio só para presos políticos.

Quando eles construíram o presídio eu estava em Porto Alegre e a maioria dos companheiros de São Paulo estava em outro lugar. Eles tiraram os companheiros do Carandiru e levaram para o presídio - isso em três dias. No primeiro dia levaram uns. No segundo dia me trouxeram de Porto Alegre. Quero falar uma coisa meio folclórica. No segundo dia me trouxeram e me levaram para a OBAN para dormir lá. Eu não sabia que eles tinham construído o presídio, que estavam inaugurando. Eu dormi na Oban e no terceiro dia me levaram. E aí, foi em 1974, fiquei ali até o final, e as coisas melhoraram muito porque tinha o nome de Presídio Preso Político. Presídio da Justiça Militar de São Paulo, presidio político. Aí começaram a mudar o relacionamento conosco. Muita provocação. O Erasmo Dias, que era secretário de Segurança Pública, colocou um dos torturadores como diretor do presídio. Nós exigimos a presença dos juízes auditores. O Paiva e o Nelson da Silva Machado Guimarães, da 1ª e da 2ª Auditoria militares, foram lá conversar conosco. Nós falamos que era inaceitável um torturador nosso ser cuidador de nós, que iríamos até as últimas consequências. O Erasmo Dias, em traje civil, paletó e gravata, segurando a metralhadora a tiracolo chegou e disse: “quero dizer para os juízes aqui que não pode atender as exigências de terroristas não. Terroristas a gente trata como eles merecem. Não tem nem que ouvir. Agora vocês são bons demais fazendo isso. Passa para mim a responsabilidade por eles que eu fuzilo esses filhos da puta todos agora, eu fuzilo”. Os juízes pediram calma ao secretário. Depois mudaram o secretário.

Agora não significa que tudo era tranquilo. Particpei de três greves de fome. Dez dias, vinte dias de greve de fome só tomando água. Nós não aceitávamos mais nada. Entramos por exemplo, quando cancelaram as visitas de pessoas ligadas a gente e que não eram pai, mãe ou irmão. As pessoas preenchiam um formulário, passavam por um interrogatório e podiam no visitar. Depois os juízes mandaram acabar com as visitas. Foi a época dos senadores eleitos, em 1974. Tinham muitos políticos que detinham mandatos parlamentares que começaram a exigir que nos visitassem. Esse presidente, o Fernando Henrique Cardoso, quando ele chegou do exterior foi lá nos visitar. Nós ficamos muito contentes porque ele era uma pessoa muito respeitada. Franco Montoro, Teotônio Vilela foram lá. Aí os caras suspenderam as visitas autorizando falar somente com os advogados, na sala dos advogados, ou com parentes diretos. Não houve acordo. Redigimos um manifesto e entramos em greve de fome. O Nelson, que dos dois juízes parecia ser mais fascista, também foi lá. Reuniu-nos no auditório. Tinha mesa, cadeira, ele sentou em uma cadeira daquelas e falou: “Não negocio com vocês. Esse presídio foi construído por exigência suas; pessoas do governo não queriam que a gente atendesse isso, mas houve muita discussão, o presídio foi construído; vocês estão com a situação tranquila. Mais nenhuma reivindicação.” Terminou dizendo que não atendia nada sobre pressão. É lógico que muitos companheiros fizeram intervenção; interrompiam a fala dele, ele mandava calar e não calávamos. Nesse dia eu falei: vocês não negociam com pouca pressão, mas se a pressão vai em frente e aumenta mais aí vocês negociam. Depois, lá pelo oitavo, nono ou décimo dia de greve de fome eles procuraram dopar o Evaristo Arns para ele ir lá negociar conosco, que eles iriam atender. Todas as pessoas que nos visitavam poderiam continuar nos visitando.

Tenho que falar da viagem da última vez que me levaram de Porto Alegre para São Paulo com a construção desse presídio. O aeroporto era o de Congonhas. Eles me trouxeram em avião de carreira. Eu com os braços algemados para trás e uns dez torturadores. Reservaram uma parte do avião, me sentaram lá no canto e aquelas pessoas próximas todas eram caras com metralhadoras e fuzis. Para aterrissar no aeroporto de Congonhas eles suspenderam todos os outros voos. Não podia aterrissar, nem decolar por um período xis, que era para eu descer. Quando desceu eu vi pela janela três camionetas do Exército entrando na pista do avião. Muitos passageiros olhando porque correu o boato de que um terrorista estava chegando. Suspenderam os voos, os aviões tiveram que ficar rodando. Todo mundo naquela curiosidade de ver um terrorista, quando saem comigo. Que decepção desgraçada! Isso aí que é um terrorista? Um carinha magro, enrolado, cercado por dez homens armados.

Mas então são muitas situações. Mesmo no período em que já estavam discutindo a anistia ainda aconteciam problemas. A gente ficava solta. As visitas eram recebidas dentro do presídio. Tinha um auditório, uma área com areia que era onde o pessoal jogava futebol - a gente tinha reivindicado isso e eles fizeram. Tinha o refeitório e tinham os companheiros responsáveis pelas tarefas da semana. Eles é quem serviam a comida. Eles colocavam os tachos, as panelonas no lugar, nós fazíamos a fila e os companheiros serviam. A gente naquele período era encarregada do chamado coletivo, entre aspas. Porque qualquer coisa que entrasse lá não tinha dono, era nosso. Roupas, famílias compravam roupas bonitas, levavam, a gente colocava em cima da mesa e quem queria pegava sem nenhum problema. Tudo era dessa forma. Um dia minha companheira, Helô, foi me visitar e eles a levaram para a sala ao lado do refeitório para fazer a revista. Eu ouvi um militar, da polícia e não do Exército, falando com ela com voz alta e pegou no braço dela. E eu gritei de lá, larga! Eu vá lá que me castigassem, mas estavam castigando alguém que não tinha nada a ver com aquilo. Aí comunicaram para o diretor e o diretor mandou me trancar na cela forte por três dias. Os presos brigaram, discutiram com ele, falaram do absurdo que era aquilo, solicitaram que

suspendessem a punição até que recorrêssemos às auditorias militares. Se não tivesse jeito, viria a forma de encaminhar. O que a gente reivindicava era isso.

Tenho aqui um livro de um companheiro que foi assassinado e deixou um livro belíssimo: O Labirinto – encontros clandestinos entre a vida e a morte. O autor chamava-se Vitor Maia. Ele morreu e a esposa dele conseguiu editar esse livro, que foi lançado recentemente em Salvador. Ela telefonou para que eu fosse participar do lançamento, mas não tive condições de ir. Já me informaram que foi um lançamento como dificilmente acontece. Cerca de mil pessoas. Eu sou um dos personagens desse livro. Então, são coisas assim importantes para a gente.

## **FORMAÇÃO POLÍTICA**

Antes do famigerado golpe militar de 1964, eu já tinha alguma atuação política. E em faculdades encontrei muitas pessoas que tinham uma militância muito mais significativa do que a minha. E esses companheiros me ajudaram na minha formação, me ajudaram no levantamento de obras que muito contribuíram para que a gente pudesse entender a realidade brasileira. Aliás, como diz o Lenin, a formação teórica é essencial. Sem essa formação as ações, as iniciativas, as atitudes das pessoas não tem muito significado. Porque em minha opinião os princípios elementares defendidos por Max e Engels contribuem muito para isso. Nós sabemos que o Marx não é profeta, não tem bola de cristal, e grande parte das pessoas que se dizem marxista tem uma compreensão errada. O Marx lançou as pedras angulares de uma ciência nova e de uma nova filosofia, que é o materialismo histórico e o materialismo dialético. E assim como acontece com todas as ciências, não existe nada pronto e acabado. Se ele lançou as pedras angulares do materialismo histórico, o que nos cabe, e cabe a outros revolucionários do mundo, é dar outra contribuição para o desenvolvimento dessa ciência. E nós, principalmente nós da América Latina, temos uma deformação e praticamos um equívoco de grande significado: desprezar as contribuições anteriores e se preocupar muito exclusivamente com a prática. E essa prática, se ela não tem uma sustentação científica e filosófica, ela termina sendo uma prática equivocada. O Marx em suas teses diz uma questão muito importante: que a gente já estudou muita filosofia e a gente tem é que praticar a filosofia. Só que para essa prática a gente tem é que se preparar. E nós que não temos muita oportunidade num país em que somos massacrados pelas classes dominantes, principalmente considerando o papel desastrado dos Estados Unidos na América Latina, na Ásia, na África que querem retirar de nós qualquer possibilidade de reflexão, aí nós ficamos às vezes em situações muito difíceis que não nos permitem avançar. E o Brasil e a esquerda brasileira, que têm cumprido um papel heroico no processo de lutas de classes, terminam sem concluir aquilo que deve acontecer e que é de extrema importância para a gente ter condição de dar uma contribuição eficaz no processo de conscientização das pessoas; no processo de organização, no processo de mobilização para que as pessoas reconheçam a importância de um trabalho coletivo. Eu tenho dito muito que apesar da situação no país atualmente estar sendo muito difícil para nós, porque muitas pessoas assistem tudo que está acontecendo aí e dizem: “poxa eu fico dando murro em ponta de faca e só sendo prejudicado e a minha família. Não aceito benesses de ninguém...” Então, o que acontece? É a capitulação. E a gente nem pode condenar muito as pessoas porque elas não fazem isso por iniciativa própria. Elas são utilizadas como muitas outras pessoas, são como massa de manobra. E mais uma vez o governo dos Estados Unidos contribui muito para isso, e a gente não tem a condição essencial para impedir esse massacre ideológico.



E nós sabemos que a questão da ideologia mata a pessoa sem ela saber que está morrendo. Há uma determinada filósofa que fala que a questão política, a instância política, está diante dos seus olhos, você está vendo o desenvolvimento político, as lutas, os retrocessos. Na questão da economia, onde está a infraestrutura da sociedade capitalista, também as pessoas enxergam desde a produção, os meios de trabalho, o lançamento do produto para o processo de troca, a entrada no mercado. Tudo isso a gente vê e identifica com facilidade, até mesmo se não tiver uma formação que se desenvolva e se manifeste em ações concretas. Agora, de tudo, a ideologia é onde temos a maior dificuldade porque ela é praticada e colocada dentro da nossa cabeça na escola, na igreja para quem é religioso – principalmente essas fabriquetas que se dizem evangélicas e estão aqui impostas pelos Estados Unidos para castrar a pessoa e anulá-la completamente. É por isso que acontece, por exemplo, lá no bairro Tiradentes (município de Aparecida de Goiânia) você não anda dois quarteirões que não tenha um templo desse pessoal. E ninguém sabe nem a diferença de uma para outra. E por que existe a outra? É um caso para se pensar. Mas existe para conquistar um espaço maior. E assim vão preenchendo tudo. Para concluir essa questão ideológica que é a que tem maior presença na vida das pessoas, como diz a Marta Harnecker: ela é o cimento que ninguém vê, que está na parede e ninguém enxerga, mas é ela que dá sustentação à parede, ao prédio, ao edifício. E nós com toda a dificuldade para enfrentar essa situação.

Cada um procura dar sua contribuição, mas com muita dificuldade. E durante o período do regime militar, claro a situação se agravou muito mais.

## **O PAPEL DA IGREJA**

Sobre a questão do papel da religião durante o golpe, naquela ocasião não existia essa quantidade imensa de igrejas evangélicas. Mas grandes contingentes da população brasileira eram muito religiosos, e o catolicismo era o que cumpria com muita precisão esse papel de dominação. E a religião não é nada mais, nem nada menos do que um instrumento de dominação pra impedir a libertação, a perspectiva de construção de uma sociedade diferente. Por quê? Hoje nós vivemos uma situação extremamente difícil. Porque se falarmos de revolução, falarmos de socialismo como um período transitório para a construção da sociedade comunista, da sociedade sem classes, as pessoas vão imaginar que nós somos loucos. E a gente tem que enfrentar, mesmo sendo considerados loucos ou não. O que a gente não pode é buscar justificativas para não fazer nada. Se as dificuldades são muitas, mais cresce a nossa responsabilidade. O que eu posso dizer com muita segurança, com uma determinada análise fundamental do processo de luta de classes do mundo, é que a classe operária, os trabalhadores, o povo vão construir em nosso país e em outros países o socialismo. O próprio Marx lembrou em certa ocasião, e é muito importante observar essa frase dele, que a libertação da classe trabalhadora vai ser obra da própria classe trabalhadora. Aqueles que se consideram iluminados e tentando impor qualquer concepção política - ou no plano teórico, filosófico - dá com os burros na água. Porque os trabalhadores estão desorganizados e muito vulneráveis, mas isso é por um período transitório. Eu acho que é importante a gente reconhecer que os trabalhadores, que a classe operária, aqueles que não possuem os meios de produção, a não ser sua força de trabalho, eles desenvolvem com todos os seus erros questões infinitamente mais importantes do que os acertos dos representantes das classes dominantes.

## O GOLPE

Em 1964, o golpe foi preparado com muita antecedência. Governos fascistas como o de Carlos Lacerda, na Guanabara; governos corruptos como o de Ademar de Barros, em São Paulo; e voltado para a questão financeira, que assumiu uma proporção massacrante em Minas, como o governo Magalhães Pinto. Os Estados Unidos, por meio de seus embaixadores e outros testas de ferros, entraram em contato com esses três governadores, foram atrás de militares, de representantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica e planejaram o golpe. Começaram a construir a situação favorável que eles precisavam para imposição do golpe na tentativa de impedir uma atuação mais intensa do governo do João Goulart. E essa questão ideológica, ela compreende muitos elementos. Até a piada jocosa que se fazia contra a mulher do João Goulart, as piadas sobre o João Goulart, as marchas com Deus e da família contra o totalitarismo ateu, contra o ouro de Moscou, tudo isso foi planejado. Porque eles sabiam que se em 1959 em Cuba, que é um país 57 vezes menor que o Brasil, a revolução foi vitoriosa, e aqui no Brasil? Então, eles tinham uma preocupação muito grande. Em Cuba tinha dificuldades de todas as maneiras para se construir o socialismo. Agora no Brasil, um país rico como o nosso, naturalmente esse processo aconteceria com mais facilidade. Aí tomaram as preocupações e elegeram como prioridade essa questão ideológica cumprida principalmente pela religião. E a igreja se comprometeu com os futuros golpistas em dar a sua contribuição, em assegurar a sua participação. E isso foi feito.

Em 1964, eu era vereador. Eu estava numa cidade chamada Itabuna, na Bahia. Porque eu fiz o vestibular para Direito na Universidade Federal do Espírito Santo, mas pessoas de Guaratinga, cidadezinha em que viviam os meus pais, me convidaram para ajudar na campanha. Era a primeira vez que ela participava do processo eleitoral, tendo conquistado a sua emancipação. Contribuí lá com o candidato a prefeito, me elegi vereador e fui o líder do prefeito na Câmara, que funcionava pela primeira vez. O pessoal me aconselhou a não voltar para Vitória e a fazer novo vestibular em Ilhéus, que era pertinho. Eu acabei fazendo isso, fiz um novo vestibular e tive uma boa classificação. Ilhéus e Itabuna são duas cidades quase como Ceres e Rialma. São 23 km de trevo a trevo. E para exercer as minhas funções na Câmara Municipal de Guaratinga e estudar em Ilhéus, acabei fixando residência em Itabuna. Aí foi a época do golpe e a gente já era identificado imediatamente porque os arapongas já nos acompanhavam. Eu tive o mandato cassado com dois anos. E tendo o mandato cassado, consegui a transferência da faculdade de Direito de Ilhéus para a faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. E lá comecei a ter uma atuação mais ousada. A gente sabe como funcionava o movimento estudantil naquela fase; e eu terminei sendo uma das principais referências políticas nas coordenações dos movimentos, dos enfrentamentos das forças fascistas do Antônio Carlos Magalhães. Fiquei uns três anos. Depois, já sem condições de continuar, Salvador é uma cidade grande – é a terceira cidade do Brasil hoje - mas as pessoas se conhecem, terminam se conhecendo, tendo facilidade para seguir você. Eu fui intimado diversas vezes pela Polícia Federal e eu ia com toda a tranquilidade. Eles não torturavam, não me prenderam. Eu ia e falava que participava do movimento estudantil e não estava cometendo nenhum crime. Justificava, debatia com os delegados e eles me mandavam embora. Isso antes do famigerado AI-5. Porque com a imposição do AI-5, isso acabou.

Na clandestinidade alugamos uma casa. Eu era da Polop – Organização Marxista Política Operária. A Polop, se considerando uma organização marxista, terminou tendo contato com uma dissidência leninista do PCB do Rio de Janeiro e do PCB do Rio Grande do Sul. Desse

contato de uma organização marxista que privilegiava a formação política, o estudo, congregava muitos intelectuais, e tendo a possibilidade de uma fusão com as dissidências do PCB do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul realizou-se um congresso (no Rio Grande do Sul) de fundação do Partido Operário Comunista, o POC. Já nessa ocasião, fiquei conhecendo os companheiros militantes de esquerda... O POC teve muita força no Rio Grande do Sul porque o Rio Grande do Sul não se iguala. O pessoal sempre é muito ousado. Aqui há uma certa tranquilidade dos baianos, dos goianos... E o brizolismo que lá une muita gente é uma coisa impressionante. Um brizolista chegava para mim e dizia: “sou brizolista, marxista, leninista”. E aquilo para mim soava como o maior absurdo, claro!

Mas então, com isso, depois que entrei na clandestinidade, sem dinheiro, eu tinha que ficar escondido em algum lugar. Aí conseguimos alugar uma casinha lá no morro, perto da boca do rio, e tinha aquele grande mar da Bahia e do Dorival Caymmi pela frente – uma coisa belíssima. Depois já não tinha condições de ficar lá mais. Os meus pais moravam no sul da Bahia, em Guaratinga, mas a família é toda de Minas. Eu fui para a fazenda de meus parentes, levei muitos livros e fiquei por lá durante uns três meses. Saía de uma fazenda ia para outra, até que foi um companheiro de Salvador me encontrar para dar os contatos de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Ele deu senha, contrassenha, pontos, tudo. Eu fui. Parei em São Paulo só para me encontrar com um companheiro que ficou de me esperar na rodoviária. Conversamos muito. Ele levou uma blusa de frio para mim que não valia nada. Eu cheguei quatro horas da manhã em Porto Alegre com aquela blusinha, quase morri de frio. A partir daí a atuação passou a ser fundamentalmente em Porto Alegre e em São Paulo.

Existem muitos equívocos em todas as tentativas de organização política. Ninguém pode dizer isso aqui está errado, isso aqui está certo, isso vai funcionar, isso não vai. Os nossos erros são muito grandes, não somos nós os responsáveis por isso não. É a realidade concreta que determina a atuação dos homens. E num país dominado como o Brasil, em que as pessoas não têm instrumentos para enfrentar a violência - que não é a violência de matar, de torturar, de esquartejar cadáveres não - é a violência da opressão, da dominação, da gente se iludir com essa falsa democracia que está aí, muita gente se ilude acreditando que é isso aí o que a gente sempre buscou. Essa questão da democracia ela precisa ser discutida e compreendida em como é que nós podemos atuar dentro dela, já que nos oferece algumas condições para avançarmos.

Os militares tinham as suas divergências. Tinha o chamado grupo da Sobornne, que era o Castelo Branco, do Golbery do Couta e Silva e outros. E tinha outro setor que era fascista mesmo, representado principalmente pelo próprio Garrastazu Médici. Mas essa divergência entre eles era secundária. Como expressão, eles se entendiam nas questões principais. Muitos militares foram cassados, foram perseguidos, foram presos, foram mortos, mas não é porque eram militares. Eram militares como o João era advogado, eu jornalista, mas a luta política não tem nada com isso não. Então, as divergências entre as cúpulas militares eram completamente secundárias. E as pessoas que eram militares como o Eduardo Leite, o Bacuri, que foi uma das pessoas que acho que de todas foi a mais torturada no Brasil. Ele foi preso... Aliás, falar em prisão é uma coisa terrível, ninguém foi preso, foi sequestrado. Ninguém pode ser preso se não houver o flagrante ou por ordem expressa da autoridade competente. Você era sequestrado na rua e levado para a cama de tortura.

Sobre essa questão do golpe, é claro que isso vinha sendo proposto há muito tempo. Mas algumas das lideranças de esquerda do nosso país ficavam acreditando em papai Noel.

Ficavam acreditando que íamos conseguir o apoio de alguns setores dos militares e que o golpe seria impossibilitado e que avançaríamos e poderíamos seguir no rumo do socialismo. Todos nós sabemos: a luta de classes não aceita esse tipo de equívoco. E aí muita gente temia, mas achava que seria inviável. Enquanto achava que essa dominação truculenta, violenta não seria implantada no país, aconteceu o golpe que a gente nunca viu na vida, em nenhum momento, um golpe triunfar com tanta facilidade. E aparentemente sem nenhuma resistência. Claro que depois a gente começou a reunir os cacos, a avançar um pouco. Mas a classe dominante decidiu acabar com isso e veio o Ato Institucional nº 5, que suspendeu todos os direitos e garantias individuais e impôs o terror absoluto. Aí, claro que a luta se transformou e começou a enfrentar uma situação muito difícil. O que o AI-5 proporcionou aqui no Brasil não fica absolutamente a dever nada ao governo de Hitler, de Mussolini, de Salazar. E apesar de tudo, pelo menos nós aqui estamos vivos. Muitos morreram e a gente sobreviveu. Somos sobreviventes. E em nome da nossa consciência, em nome do nosso compromisso, em memória dos companheiros e das companheiras que foram assassinados pelo regime militar, nós temos o dever de não permitir nenhuma atitude nossa, em nenhum momento que não seja a de contribuir para que as coisas sejam diferentes. Cada um, claro, procurando dar a sua contribuição. Porque se a gente se omite tudo vai perdurando com facilidade. O Bertold Brecht tem um poema que ele conclui dizendo sobre o nazismo: “que bem pouco ele podia. Ele contribuía com quase nada. Mas os poderosos, os mandantes do nazismo, sem ele teria mais facilidade de atuar. Se um de nós se cala, o espaço fica maior para aqueles que estão dominando o nosso povo.”

Essa questão de lei, os militares não cumpriam nem as próprias leis deles. Por exemplo, a Constituição de 1967 assegurava direitos para os indivíduos. Não se pode redigir uma constituição de um país em que ninguém tenha direitos. Eles não respeitaram nada. Quando eu falei aqui terror absoluto, a gente ficava era incomunicável durante muito tempo. Eu fui condenado em 1º instância em quatro processos: três em São Paulo e um no Rio Grande do Sul. Fui condenado em 54 anos e dois meses. Fiquei nove anos na cadeia e dei sorte demais que sobrevivi e estou aqui para continuar a luta. E para nós a vida só tem significado se ela for colocada a serviço de outras vidas, da possibilidade de emancipação do ser humano que está acima até da emancipação de um determinado segmento social ou da classe trabalhadora. Mas tenho plena convicção de que em cada momento a gente está caminhando para frente. Quando todo mundo reclama da violência no Brasil, no Rio de Janeiro, principalmente, em São Paulo e até aqui em Goiânia onde existem cidadãos, como aconteceu recentemente quando mataram uma mulher, esquartejaram essa mulher e a colocaram em uma mala e levaram para a uma rodoviária, isso assusta muita gente. E quando alguém me pergunta sobre a violência, como é que ela pode ser resolvida, eu digo que vai aumentar muito mais. A violência vai crescendo em cada instante porque esse sistema econômico que vigora em nosso país exige isso. Agora o que a gente pode concluir, em minha opinião, é que as pessoas não são tão burras quanto esses dominadores imaginam. E as pessoas vão a cada instante observando, enfrentando e atravessando essa situação difícil, que para mim é mesmo uma travessia, que pode demorar dez meses, onze meses, vinte meses, cem meses, mil meses. Mas, mesmo esse processo sendo lento, as pessoas vão compreender que do jeito que as coisas estão não adianta, a nossa vida vai ser em cada instante mais sacrificada e mais dolorida. E essa transformação num processo gradativo é muito importante que nós que estamos do lado do socialismo, nós que defendemos a democracia, que a gente compreenda isso e assuma o seu papel ou o papel do indivíduo na história.